



OPINIÃO

A ideologia da não-ideologia

Elísio Estanque,

Jornal PÚBLICO,

14 de Dezembro de 2023, 18:25

«Este clima parece abrir caminho para uma nova “caça às bruxas” em que ciganos, imigrantes, negros, árabes, etc., e qualquer dia “comunistas” e “socialistas”, podem ser apontados como alvos a abater».

A ideologia já não é o que era. Por isso convido o leitor a pôr em causa tudo o que sabe sobre a noção de "ideologia". Sendo embora um tema batido, deixa de o ser se lhe disser que não vou falar nem de política partidária de um modo geral, nem da nossa atual conjuntura doméstica. Sabemos que o mundo está a virar à direita, enquanto as democracias entraram em erosão.

Diante dos nossos olhos, avança paulatinamente um novo ciclo de crescimento de forças autoritárias a nível mundial. Sabemos também que as razões estruturais que desencadearam este processo foram múltiplas e complexas, mas elas têm a sua génese na natureza do próprio sistema económico capitalista. A crise petrolífera da década de setenta do século passado foi apenas sintoma de uma viragem que já vinha de trás. Face à redução do crescimento económico e das margens de lucro, o modelo fordista de acumulação entrou em esgotamento, na medida em que, na ótica do capital, a travagem das suas mais-valias tinha de ser contida, pelo que era necessário transcender esse modelo, pois ele permitia demasiados direitos e poder negocial à classe trabalhadora (pelo menos na Europa).

Nesse contexto, multiplicaram-se os mecanismos e expedientes – formais e informais – para inverter essa tendência, favorecendo novos modelos de gestão ditos “flexíveis” e estimulando vínculos de trabalho mais precários, instáveis e novas formas de subcontratação suscetíveis de gerar o “consentimento” de trabalhadores e poupar despesas sociais aos empregadores. O sistema produtivo mudou, o horizonte keynesiano do pleno emprego tornou-se uma miragem, acabou a era em que uma profissão digna e estável, uma “carreira”, estava ao alcance de qualquer um.

Assim, a estratégia de acumulação começou a deslocar-se da esfera da indústria para os serviços numa economia interconectada na esfera mais ampla do mercado global, onde produção, flexibilização e consumo passaram a inscrever-se na mesma lógica predadora de espoliação de recursos e de força de trabalho. Por

isso o enriquecimento dos muito ricos continuou a aumentar, enquanto os salários estagnaram ou desceram. Capital e trabalho continuaram ligados mas através de múltiplas mediações, mas continuou a ser o trabalho a fonte principal de criação de riqueza. Com a globalização, ambos passaram a pautar-se pela mobilidade e fluidez.

O enriquecimento dos muito ricos continuou a aumentar, enquanto os salários estagnaram ou desceram. Capital e trabalho continuaram ligados mas através de múltiplas mediações

Tal estratégia assentou em três fatores principais:

- (i) a inovação tecnológica e o desenvolvimento das novas TIC ajudaram à recuperação dos ganhos de produtividade e ao desmembramento das empresas, acelerando as novas cadeias de valor;
- (ii) a facilidade do comércio global estimulou as deslocalizações e os investimentos para os países do hemisfério sul em busca de mão de obra barata;
- e, por último (iii), as mais-valias obtidas com as transações financeiras e a especulação tornaram-se mais lucrativas do que os investimentos produtivos.

Mas é claro que o modelo neoliberal não caiu do céu. Teve por detrás importantes decisões de natureza política. Primeiro, no quadro do thatcherismo-reganismo, a narrativa da prioridade à competitividade e à concorrência serviu de justificação ao discurso eufórico da globalização, sendo este apresentado como sinónimo de sucesso e oportunidades de enriquecimento individual. Vendeu-se a ideia de que “não existe sociedade, apenas indivíduos”, colocando no centro o sujeito empreendedor e até surgiram teorias anunciando “o fim do trabalho”. Segundo, a implosão da URSS e a queda do muro de Berlim pareceram ser a prova provada de que não há alternativa ao capitalismo. A euforia com a competitividade e a ilusão das “oportunidades para todos” abriram o caminho do novo *El Dorado*, e o Consenso de Washington ligou os motores.

O que acabei de referir é, em si mesmo, expressão da ideologia dominante. Significa isto que a ideologia que importa hoje debater não é a do senso comum político. É sociológica: um conceito inspirado em pensadores como L. Althusser, T. Eagleton, P. Bourdieu ou G. Therborn, entre outros. Ou seja, a ideologia é um tipo de poder simbólico, uma narrativa ao serviço dos grupos privilegiados, capaz de promover a aceitação ou apatia das massas, moldando a mentalidade de larga parte dos cidadãos e das classes populares. É o conjunto de mecanismos sociais que – para além das intenções – concorrem objetivamente para a formatação de comportamentos através de subtis mecanismos de fabricação do consentimento.

O povo é seduzido pelos cantos de sereia do consumo, do entretenimento fútil, do folclore televisivo, de *fait-divers*, de *fake news*, de noticiários e programas alienantes e vazios de conteúdo. E quando falta o essencial das necessidades materiais e as

expectativas são abruptamente quebradas, cresce o ressentimento, dos setores mais abandonados, que se oferece como combustível onde ardem as vozes excitadas dos pretensos salvadores da pátria. Eles gritam contra a “ideologia” enquanto promovem a sua própria ideologia: a culpa é dos políticos, é a corrupção, é o Estado, é a burocracia, é o sistema que “vive à custa dos nossos impostos” (sic), etc., etc. Esse é o germen do nacionalismo salvífico.

Hoje o senso comum em expansão é o que recusa o pensamento, a pretexto do perigo das “ideologias”. Há uma preferência deliberada pela alienação – múltiplos “fetiches” estão ao dispor de todos, mesmo de quem é desprovido de recursos – que se confunde com o caminho direto ao encontro da “verdade”. A predisposição beática para a “salvação” não é exclusivo das igrejas, embora estas também ajudem.

Entrámos numa fase em que invocar a “ideologia” ou apontar uma voz, um discurso ou ator político como “ideológico” se tornou uma acusação grave. Segundo a corrente neoliberal, a única verdade são os mercados, os negócios, o poder do dinheiro e o empreendedorismo dos indivíduos e das empresas, tomados essencialmente como competidores entre si. Segundo a corrente neofascista, são os bons costumes, a velha moral nacionalista, a pureza da “raça”, a “nação”, a ordem e a autoridade, os elementos sagrados do seu credo político. Em comum têm o ódio à esquerda, o desprezo pela emancipação dos pobres (embora sempre falando em seu nome), a recusa de políticas públicas e serviços eficazes e universais (saúde, educação, justiça, segurança social, etc.), a rejeição da solidariedade, do internacionalismo e no fundo da democracia no seu sentido mais profundo. Este clima, hoje em dia em expansão, parece abrir caminho a curto prazo para uma nova “caça às bruxas” onde ciganos, imigrantes, negros, árabes, etc., e qualquer dia também “comunistas” e “socialistas” podem ser apontados a dedo na via pública como alvos a abater.

Eles gritam contra a 'ideologia' enquanto promovem a sua própria ideologia: a culpa é dos políticos, é a corrupção, é o Estado, é a burocracia, é o sistema que 'vive à custa dos nossos impostos' (sic), etc., etc.

Já não se trata de pensar nos termos de um Daniel Bell (“O fim das ideologias, 1960) ou de um Fukuyama (O fim da história, 1992); trata-se de uma outra dimensão que parece florescer perante a passividade das elites políticas pensantes e o aplauso dos grandes media submetidos, eles mesmos, à ideologia da não-ideologia.

() O autor escreve segundo o novo acordo ortográfico*

Investigador do Centro de Estudos Sociais da Univ. Coimbra e prof. visitante da UFBA - Universidade Federal da Bahia.